

GABRIEL MARCEL E A FILOSOFIA DA ESPERANÇA

RESUMO

A presente pesquisa objetiva apresentar um encadeamento reflexivo sobre a Esperança, conceito comum para o campo teológico, mas pouco explorado em âmbito filosófico, tomando como fundamento o arcabouço teorizado pelo filósofo francês Gabriel Honoré Marcel. Pela análise da conjuntura dos dois séculos precedentes, no contexto dos conflitos bélicos mundiais que assolaram, principalmente, o continente europeu, e suas graves e duradouras consequências percebe-se o alvorecer das denominadas filosofias da existência, novas vertentes de reflexão filosófica que partem da singularidade dos homens marcados existencialmente pela constante angústia e desespero na busca de sentido para a vida. Grandes nomes que tomaram parte desta seara teceram contribuições ímpares partindo do método fenomenológico de Husserl. Expor-se-á de maneira focal, a perspectiva marceliana que, embora enquadrada na estirpe existencialista, traça uma diferenciada maneira de filosofar sobre o existente e, por vezes, dista do que os demais expoentes tratam. Marcado por sua própria experiência vivencial com as guerras e a fé confessional que abraçou no início da vida adulta, Marcel insiste na concepção da existência encarnada, concreta e comunitária ou social, que peregrina sob a guia da esperança do encontro com um mistério que lhe concerne pleno sentido da vida, denominado como Tu Absoluto. Ele utiliza do método fenomenológico husserliano, de arcabouço conceitual comum dos existencialistas, mas aplica sentido novo, por vezes retomando o sentido original dos termos desvirtuados ao longo da história. A esperança, que trata de maneira dispersa em suas tantas obras é entendida tanto como virtude teologal, embora seja menos frequente, que o homem acolhe e desenvolve; bem como uma predisposição natural que se faz proeminente diante das situações-limites que impelem o existente, angustiado, a tender para o desespero e niilismo ou aplicar sentido novo para a vida usando de sua liberdade e auxílio das realidades do mais-além. Fazendo comparativo com a distância temporal e contextual, busca-se pontuar a vitalidade e necessidade das reflexões marcelianas.

Palavras-chave: Existência. Liberdade. Esperança. Gabriel Marcel.

GABRIEL MARCEL AND THE PHILOSOPHY OF HOPE

ABSTRACT

This research aims to present a reflective exploration of the concept of Hope - a notion traditionally associated with theology but rarely examined in philosophical discourse - based on the theoretical framework developed by the French philosopher Gabriel Honoré Marcel. Through an analysis of the socio-historical context of the previous two centuries, particularly the global military conflicts that devastated Europe and their severe and lasting consequences, the emergence of so-called philosophies of existence can be observed. These new philosophical currents are rooted in the singularity of human beings, existentially marked by constant anguish and despair in their search for meaning in life. Prominent thinkers within this field offered valuable contributions, many drawing on Husserl's phenomenological method. This study focuses on Marcel's unique perspective which, although generally classified within the existentialist tradition, presents a distinct way of philosophizing about human existence - often diverging from other existentialist thinkers. Deeply influenced by his own lived experiences during the wars and by the religious faith he embraced in early adulthood, Marcel insists on the notion of embodied, concrete, and communal (or social) existence, journeying under the guidance of hope toward an encounter with a mystery that grants full meaning to life, which he refers to as the Absolute Thou. Although he draws from Husserlian phenomenology and the conceptual tools common to existentialists, Marcel assigns renewed meaning to these ideas, often reclaiming the original sense of terms distorted over time. His treatment of hope—dispersed throughout his various writings - presents it both as a theological virtue, albeit less frequently addressed, which humans can embrace and cultivate; and as a natural predisposition that emerges most clearly in situations of existential crisis, where the individual, faced with despair and nihilism, is challenged to assign new meaning to life by exercising freedom and drawing upon transcendent realities. By comparing Marcel's thought with contemporary temporal and contextual distance, this study highlights the enduring vitality and relevance of his reflections.

Keywords: Existence. Freedom. Hope.

José Luiz Silva Santos



Centro Universitário Católica de
Quixadá, UniCatólica, Brasil
luiggi.voc@gmail.com

Me. Marlene Gomes Guerreiro



Centro Universitário Católica de
Quixadá, UniCatólica, Brasil
marleneguerreiro@unicatolicaquixada.edu.br

Dr. Reginaldo Gurgel Moreira



Centro Universitário Católica de
Quixadá, UniCatólica, Brasil
reginaldomoreira@unicatolicaquixada.edu.br



1 INTRODUÇÃO

O Século XX foi marcado por profundas transições e radicais mudanças que foram preparadas no século anterior. É notável o progresso da técnica, economia e ciência, de forma nunca visto (Carvalho, 2019). Porém, esse progresso mal utilizado propiciou situações impensáveis à época. Com a Primeira Guerra Mundial, os valores até então tratados pela filosofia se veem vazios e urge a necessidade de renovação substancial da filosofia (Mondin, 2005).

Mal recuperado de um conflito sem precedentes, novamente o terror recai sobre o mundo já fragilizado. A Segunda Guerra foi mais radical que sua antecessora, seus efeitos além do número estarrecedor de mortos (sem precisão até a atualidade) puseram em evidência um paradoxo, o valor sagrado da vida dá lugar a angústia de sequer saber se existimos diante de tanta dor e sofrimento (Reynolds, 2013).

Esse cenário de guerras e inseguranças impactou profundamente a reflexão filosófica que, partindo do sentimento vivencial da angústia, nascido das situações limites de sofrimento e da perda de sentido da vida, influiu sobre as análises de grandes nomes como Heidegger, Sartre, Merleau Ponty e de Beauvoir.

Estes filósofos compõem o que se convencionou chamar Escola Existencialista que, partindo da angústia, buscam fazer uma análise minuciosa das experiências cotidianas da existência humana (Mondin, 2005). Estes não são os únicos que podem ser citados nesta linha, acrescentam-se ainda como expoentes, Karl Jaspers e Gabriel Marcel.

Todos estes partem do método fenomenológico para refletir sobre a existência situada como singularidade. Os primeiros, tidos por ateus, acrescentam ao arcabouço a cosmovisão que desconsidera realidades metafísicas e espirituais que possam influenciar na existência, focando na liberdade como fundamento basilar para eles. Enquanto os demais, tidos como cristãos, levam em consideração estes aspectos ora mencionados. Até que ponto estas diferenças podem ser relevantes? Elas apontam para rumos distintos? Existir teria perspectivas diferentes para ambos?

Faremos a exposição do pensamento de Gabriel Honoré Marcel, que acrescenta à esteira filosófica temas conhecidos no campo teológico, dando-lhes análise filosófica para responder as questões cruciais da existência, tais como Esperança, que é apresentada pelo filósofo como uma causadora de verdadeiro sentido de existir. Que é, pois, viver de esperança? Como ela aparece ao homem?

A dificuldade maior do entendimento marceliano se dá no fato de ele não possuir uma sistematização do pensamento, tendo seus conceitos espalhados em seus escritos. Também, não aceitou de bom grado a alcunha de existencialista que Sartre lhe atribuiu, preferindo definir-se de neo-socrático ou socrático-cristão, o que não exime sua contribuição para essa linha filosófica apresentando reflexões diferenciadas dos demais existencialistas.

Marcel retoma elementos da tradição filosófica clássica que ficaram em desuso na modernidade, como os conceitos de virtude e a ideia de que possuímos uma alma que nos anima¹, dentre outros, e faz-lhes uma verdadeira apologia considerando que esse abandono, potencializado especialmente por Kant, Hegel, Nietzsche, Darwin, Karl Marx e Comte, e pelas

¹ É possível, então, no pensamento marceliano, concordar a máxima de Sartre que diz *A existência precede a essência*?

ideologias políticas e econômicas; é causa direta e indireta de muitos dos sofrimentos que o mundo do século XX estava acometido.

Retoma, ainda, a ideia de transcendência, não só como uma possibilidade diante das próprias situações-limites (onde ocorre um paralelo com Jaspers) que ocasionam a angústia, mas também como uma possibilidade após a morte que nos conduziria ao *mais além*. Essa transcendência faz-nos perceber a existência dos outros ou, como prefere dizer, *dos tu*, que são essenciais para a vivência singular.

A esperança é apontada por Marcel como o elemento na vida do existente que lhe concerne capacidade de encontrar sentido para a vida diante das mais diversas situações que põe a prova à sua existência. Essa esperança emana de uma realidade espiritual e a ela conduz. Tais percepções, veremos, que são fruto da sua experiência vivencial e da fé que confessava publicamente.

Ao final, traçaremos um paralelo com o contexto atual mostrando a relevância do tema desta pesquisa levando em consideração o valor das análises dos existencialistas, principalmente de Marcel, e como podem contribuir para aclarar as situações-limites do hoje.

2 GABRIEL MARCEL: O POSTULADO DA ESPERANÇA

Um expoente, embora pouco pesquisado, da corrente existencialista a ser apresentado é o francês Gabriel Honoré Marcel, o primeiro na linha cronológica a tecer obras de cunho dessa nova filosofia baseada nas reflexões de Kierkegaard, utilizando-se dos métodos fenomenológicos especialmente de Husserl. Um filósofo pouco estudado na academia brasileira, porém, teve grande influência no meio acadêmico da Europa do século XX.

Autor complexo em suas análises, que não se usou de sistemas concatenados de pensamento, “[...]no me propongo de ninguna manera presentar un sistema que sería precisamente mi sistema[...]” (Marcel, 1964, p. 13) e ainda: “[...] mi tarea, vuelvo a repetirlo, no será exponer un sistema filosófico susceptible de llamarse marcelismo, sino más bien retomar mi obra total bajo una nueva luz, mostrando sus articulaciones y señalando sobre todo su orientación general” (Marcel, 1964, p. 15); grande crítico e um tanto aversivo aos seus contemporâneos e alguns precedentes na história filosófica; dramaturgo e literato ávido, homem encarnado em seu tempo.

É fácil, pelo teor de suas reflexões, pensar que Marcel acreditava num período perfeito que os homens destituíram e é necessário retomar. Mas ele não compactua com esse raciocínio. Foi um homem que conseguiu perceber as fragilidades de sua época e apontou traços do que seria uma solução. Nota-se isto quando diz:

El mundo se abandona progresivamente al poder de las palabras, de palabras casi totalmente vaciadas de contenido auténtico. Términos como ‘libertad’, ‘persona’, ‘democracia’, se emplean en forma brutal y se convierten en slogans en un mundo en el que siempre tienden a perder su significación auténtica. (Marcel, 1964, p. 38).

“Além de que: O abuso da funcionalização é um dos traços mais significativos do mundo em que vivemos. O funcionalismo público e o câncer burocrático são apenas um aspecto particularmente óbvio desse flagelo” (Marcel, 1955).

O que de relevante poderíamos obter de suas reflexões? Por que não se considerava existencialista apesar de estar inserido nesta esteira? O que entendia ao aplicar os termos existência, engajamento, encarnação, esperança, ao falar do homem? Qual sua influência no meio filosófico? Com este artigo buscaremos expor de forma abreviada o que Marcel falou em sua época a respeito do existir do homem atrelado ao conceito *esperança* e o quão inquietantes são suas colocações para tantos quantos entrem em contato com elas.

2.1 Apontamentos iniciais

Marcel nasceu em Paris, aos 07 de dezembro de 1889, e morreu em 08 de outubro de 1973. Filho único e órfão aos quatro anos, sendo fatos que marcaram sua vida “o fato de toda a minha infância ter sido escurecida pela morte prematura de minha mãe [...] contribuiu, eu posso dizê-lo com toda a certeza, para me dar uma prioridade vivida à questão do além” (Marcel, 1955). Foi dramaturgo, crítico literário, músico e filósofo ao estilo do icônico Sócrates. Foi definido por Sartre como existencialista cristão, mas preferia a designação neo-socrático ou socrático-cristão, aceitando com muitas reservas a alcunha do conterrâneo anos mais tarde.

Formou-se em Filosofia aos vinte anos. Abandonando brevemente o meio acadêmico, dedicou-se ao jornalismo e à produção e crítica teatral. Participou das atividades da Cruz Vermelha durante a Primeira Guerra Mundial, sendo de sua incumbência notificar aos parentes a situação dos desaparecidos; vivenciou esta realidade no auge de sua juventude entre os 25 e 29 anos².

Foi nesta situação que Marcel começou a desenvolver sua primeira obra filosófica, publicada em 1927, com o título de *Jornal Metafísico*, escrita na forma de diário, algo muito peculiar em seu estilo. Em 1929 converteu-se firmemente ao cristianismo católico do qual não fazia reservas alguma; suas convicções de fé permeiam toda sua produção sem, porém, abrogar para si o título de teólogo. Em sua dramaturgia e filosofia sua crença é exposta sutilmente com toda a racionalidade necessária que futuramente falaria o filósofo Wojtyła³.

Suas principais obras filosóficas são: *Diário Metafísico* (1927), *Ser e Ter* (1935), *Presença e imortalidade* (1959), *Filosofia concreta* (1940) e *Homo viator* (1944). Posição e aproximações concretas ao mistério ontológico (1933), *O mistério do ser* (1951), *Os homens contra o humano* (1951), *O homem problemático* (1955), *A dignidade humana* (1955) entre outras.

O pensamento filosófico marceliano constitui-se estreitamente ligado aos mais profundos e decisivos acontecimentos de sua vida. Propõe-se a compreender o homem em toda a sua totalidade, considerando substancialmente sua singularidade, intersubjetividade, interioridade, concretude e transcendência⁴.

Por isso, Marcel compreende que o lugar de onde se deve partir não é outro senão a experiência existencial vivida. Daí que, não se trata de compreender o homem e a existência em geral, senão que há que se compreender o homem que existe de fato, individual, singular,

² Para quem viveu não apenas uma, mas duas guerras seguidas envolvendo seu país além do surgimento de regimes totalitários, não seria estranho entender o porquê do audaz valor que tem pela vida concreta, real, que expõe ao longo de seus escritos sejam filosóficos, sejam literários e até mesmo nas composições musicais. Desse contexto nada agradável de se viver é cabível a indagação: ainda há esperança?

³ Exposto na carta encíclica *Fides et Ratio*, durante o exercício do papado.

⁴ “Estableceré en principio que transcender no significa simplemente sobrepasar [...]. Me parece infinitamente preferible tener presente la oposición tradicional entre immanencia y trascendencia, tal como se presenta en los tratados de Metafísica y Teología” (Marcel, 1964, p. 43).

situado no mundo. O filosofar de Marcel se constitui, então, principalmente, a partir de sua própria existência e dos mais diversos acontecimentos que viveu, sobretudo, aqueles acontecimentos trágicos e angustiantes da infância e da juventude.

A existência é o modo de ser próprio do homem. Ao contrário de uma pedra que apenas está no meio, o homem existe, é manifesto, angustia-se existencialmente, um ser sensitivo, que sonha, projeta, é capaz de mudar suas convicções porque é livre. Ao notar em si mesmo e nos outros, essas particularidades da condição humana, Marcel compreende que o homem se manifesta no mundo como um *Homo viator*, isto é, como um homem viajante, “[...] ser es estar en camino” (Marcel, 1954, p. 11).

Ao abordar a existência humana como itinerância, faz com que se fixe às situações concretas, reais da vida, assim como o desconsiderar deduções precipitadas, generalizações e as objetivações, fazendo que sua filosofia seja conhecida por *filosofia concreta*, não empírica ou materialista, mas sim existencial. Pois concebe que uma filosofia só seria autêntica quando permite-se penetrar pelas experiências existenciais concretas, por realidades pessoais profundas, e, compreendendo-as, as refletir, pelo simples dado que: o homem, que de fato existe, é o homem singular, individual, e pensar num homem geral é uma abstração. Adverte desde cedo:

Puede agregarse que, vista la extrema complicación técnica del mundo en que vivimos, estamos condenados a aceptar por acuerdo mutuo un número cada vez mayor de resultados adquiridos por una serie de largas investigaciones o de cálculos minuciosos cuyo detalle se nos escapa. Podemos afirmar en principio que en una investigación como la nuestra no caben resultaos de este género. (Marcel, 1964, p. 17).

Em Marcel, pensamento e vida coexistem, pois do contrário, o pensamento, ao desligar-se do real, partiria para uma abstração infundável, enquanto a vida continuaria na penumbra da falta de sentido. Daí, resulta o rechaço, não só de sua parte, mas como de todos os existencialistas, ao idealismo e abstracionismo que tanto estavam em voga até início do século XX.

2.2 Partindo da encarnação

A experiência mais fundamental que podemos ter de nós mesmos é a do próprio existir. Essa constatação não se dá, como postulou Descartes, pelo fato de pensarmos, mas, segundo Gabriel Marcel, pela manifestação do existir no corpo. Todas as nossas experiências passam necessariamente pela mediação da corporeidade. É por meio do corpo – com ele e através dele – que percebemos a existência. Só é possível afirmar a presença de qualquer coisa a partir de sua relação com o nosso corpo, seja esse contato direto ou indireto.

A existência do mundo e a existência particular do indivíduo ocorrem de forma simultânea e são inseparáveis. Não é a consciência que faz o mundo existir; ao contrário, os seres humanos são parte integrante do mundo, e é ele que possibilita sua própria existência. Para Marcel, não há oposição entre corpo e alma: é justamente a unidade entre ambos que constitui o “eu”.

Pela existência encarnada particular se chega à outra verdade: a abertura ao campo da alteridade⁵. O outro é que reconhece a *minha* existência particular e eu *reconheço-me nele*, como afirma: “De ahí esa tremenda necesidad de una confirmación que llegue desde fuera, del otro, esa paradoja en virtud de la cual el yo más centrado sobre sí mismo espera su investidura finalmente, del otro y sólo del otro” (Marcel, 1954, p. 19). Podemos então inferir que “[...] o princípio fundamental, para Marcel, não é eu penso, mas somos” (Peretti et al., 2016, p. 177). E ainda:

Digamos todavía que tiendo a afirmarme como persona en la medida en que, asumiendo la responsabilidad de mis actos, me comporto como un ser real [...] Podríamos decir también, y desde el mismo punto de vista, que me afirmo como persona en la medida en que creo realmente en la existencia de los otros y en que esa creencia tiende a dar forma a mi conducta. (Marcel, 1954, p. 24-25).

O homem existe enquanto se relaciona com o outro, e este outro se dá como um *tu*, como uma presença que não é objetável. A partir do momento que este *eu* e *tu* estabelecem comunicação, há uma transcendência de mundos, e se penetra num local em que não está mais sozinho e que “a transcendência adquire a forma de amor”⁶ (Peretti et al., 2016, p. 177).

Ressalta este ponto na medida em que, no seu tempo, começavam os ideais de uma globalização, uma fraternidade universal, ao passo que nunca se registrará tanto individualismo ou o extremo, uma implantação de igualdade que aniquilava a individualidade. Da própria noção de fraternidade, ele retira um problema essencial: “toda fraternidad implica la idea de un padre, y no puede separarse de la referencia a un Ser transcendente que me ha creado, que nos ha creado a ti y a mí” (Marcel, 1964, p. 36).

Nesta relação concreta, passa-se a um modo de viver onde *ter* não se sobressai ao ser, saindo de um modo de viver inautêntico, apenas de aparências, no qual prevalece o excesso de racionalidade e objetividade, onde técnica ofusca a dimensão do *mistério*. Em Marcel, qualquer posicionamento solipsista é uma empresa vã, pois viver é estar disponível a uma realidade que se definiria como *comunhão*, dos existentes entre si e destes com o mundo. Assim, é identificável duas maneiras de ver o outro, como apontou Merleau-Ponty ao analisar a obra *Ser e ter* de Marcel:

Os homens que, por um olhar distraído, olho passar na rua, talvez não me pareçam mais que manequins vestidos; mas é também por uma espécie de ‘especulação enfraquecida’; tomamos aqui por modelo da percepção de outrem um conhecimento distraído [desatento], onde, com efeito, não percebo homens, mas formas humanas que se movem vagamente. Ao contrário, o homem que está presente, este a quem me endereço e que está verdadeiramente diante de mim é uma segunda pessoa, esta não é redutível a um conjunto de características, cujo pacificamente farei a ‘descoberta’. (Merleau-Ponty, 2016, p. 147).

Entendida a necessidade de se partir da existência encarnada e concreta do homem e do movimento inevitável da alteridade para a própria definição ontológica de si próprio, é

⁵ Marcel retoma esta temática que parecia se esvair no contexto em que viveu, diz “[...]vivimos em um mundo donde la palabra con está perdiendo sentido” (Marcel, 1964, p. 34). E seu discípulo, Lévinas, o explicará ao longo de suas obras.

⁶ Amor em Marcel se entenda como expôs Lévinas: “acolhimento de outrem como tu” (Lévinas, 2005, p. 96).

mister entender a outra concepção do existir do homem, que pelo já exposto será fácil identificar a sua discordância com as concepções dos demais existencialistas.

2.3 *Homo viator*

Tendo o entendimento da situação existencial *encarnada* e de *comunhão* é possível se responder à pergunta basilar do existente, sobre o sentido da vida, e mais da própria vida? E tornando-a mais concreta, como Marcel encontrou sentido para viver diante do caos que via impetrado no mundo do seu século? Não seria mais cabível postular que a vida não tem sentido, tendemos a uma nada, o horizonte coroadado com a morte é o fim, por isso, é melhor buscar viver autenticamente com a liberdade neste mundo marcado por racionalismo, tecnicismo, cientificismo, guerras, dentre outros?

Pondo-se contra a corrente vigente, e seguindo sua própria análise, demonstra que “o homem não pode explicar-se a si mesmo nem se compreender senão abrindo-se a uma transcendência” (Jolivet, 1957, p. 367). O homem, é assim, um ser que busca, caminha, incessantemente atrás do seu sentido pois é insatisfeito⁷ com sua situação. Porém, faz a analogia, caminhar sem saber o destino final é vaguear para lugar algum. Desta maneira, mas que um caminhante, o homem é peregrino no seu entendimento, pois vai ao encontro de um destino; esse destino já o é sabido seja conscientemente ou mesmo que racionalmente o negue. Ele busca a plenitude do ser.

Esse ser só é apreendido pelas experiências existenciais na sua imediata realidade concreta e que, ao mesmo tempo, tomamos consciência da sua afirmação. Essa concepção vai de encontro ao racionalismo em voga nos três séculos anteriores a Marcel, que tem por perspectiva um mundo envolto na falta de *mistério* (Jolivet, 1957, p. 371). A esse respeito comenta:

[...] y las filosofías nefastas que, en el siglo XIX han intentado emprender la justificación de esa posición, no sólo han señalado una regresión con respecto a la sabiduría secular de la humanidad civilizada: no se puede negar ni por un momento que hayan contribuido directamente a precipitar a los hombres en el caos donde hoy se debaten. (Marcel, 1954, p. 22).

Os frutos desta mentalidade aliados ao contexto das guerras desembocam nas afirmações de Sartre e do literato Albert Camus que vêem um mundo como um puro absurdo, e neste absurdo sem esperanças se encontram o homem e a história. Ele se faz totalmente contrário a esta cosmovisão. Por conseguinte, toma como basilar o que já é conhecido no pensamento cristão, ao convencer-se que a filosofia só é plausível quando se encaminha ao mistério do ser.

Diz-nos a este respeito que é impossível pensar na pessoa ou em ordem pessoal sem se remeter imediatamente ao que está mais além dela, uma *realidade suprapessoal* que guia suas iniciativas, que é o princípio e fim, pois dele participamos no ser (Marcel, 1954).

⁷ Sobre seu significado: “[...] no parece que haya derecho de decir que toda insatisfacción implique aspiración a la trascendencia” (Marcel, 1964, p. 45) e completa “De esta manera es posible concebir una jerarquía de satisfacciones, algunas bajas y vulgares, otras altamente espirituales. [...] La insatisfacción significa, por tanto, la ausencia de algo que es exterior a mí, aunque me lo pueda asimilar y por consecuencia hacerlo mío” (Marcel, 1964, p. 46).

Ele retoma um ponto quase esquecido em sua época da necessidade de a filosofia reatar os laços com a tendência metafísica, não sendo possível pensar numa coisa sem a outra. Assim, uma ontologia só seria possível se alicerçada na orientação de que “o ser não é afirmado, mas se afirma a si mesmo. Esta evidência constitui o próprio realismo que, assim, encontra o seu mais seguro fundamento no sentimento misterioso da nossa participação no ser” (Jolivet, 1957, p. 374). Uma ontologia assim orientada naturalmente se encaminha para uma revelação.

Neste ponto beiramos entrar na esteira da ciência teológica, porém, não é nosso propósito, pois não foi o do filósofo em questão. Entretanto, este ponto é fundamental no estudo marceliano, pois é um dado que define não só sua vida expressivamente religiosa, mas seu percurso filosófico desde o início da década de trinta⁸. O ser transforma-se numa presença, com relações não objetiváveis que se entevem num profundo mistério (Jolivet, 1957, p. 376). E completa:

La filosofía y la teología cristiana auténticas tienen la gloria imperecedera no sólo de no haberlo desconocido nunca, sino, al contrario, de haber llevado esa exigencia a su apogeo o haberla cimentado sobre los estratos indestructibles del ser. Sólo importa incorporar esa exigencia a las modalidades más concretas de la experiencia humana, sin despreciar jamás ninguna de ellas, sino reconociendo, al contrario, que la más humilde, a condición de ser plenamente vivida, es susceptible de una profundización indefinida. (Marcel, 1954, p. 30).

Deus se revela para o homem, como Alguém, uma presença, um Tu de forma absoluta, e constitui um apelo constante à nossa própria presença. Assim, o peregrino se lança em direção a este Tu absoluto que entrega ao existente o mais pleno sentido do seu existir. É preciso, então, estabelecer um vínculo de compromisso, de fidelidade, para que isso aconteça. E fidelidade só é possível dirigida a um ser que nunca possa faltar aquele que se dá em compromisso.

Por quê? Pois ela “plantea problemas de un orden distinto que, en último análisis, sólo la filosofía más alta está en condiciones no ya de resolver, sino asimismo de formular con todo rigor” (Marcel, 1954, p. 139). E corrobora sobre está faculdade “Al decir que la obediencia puede y debe ser exigida (bajo ciertas condiciones), y que la fidelidad, por lo contrario, debe ser merecida, nos preparamos para discernir la originalidad de esa virtud tan desacreditada en nuestro tiempo, o tan comúnmente desconocida” (Marcel, 1954, p. 139). Fidelidade leva a uma vivência ética que também é pautada pela realidade do Tu absoluto.

2.4 A Esperança na peregrinação

Analisando a obrar O Ser e o Nada de Sartre percebe-se “[...] en suma, que la realidad humana, que es a la vez conciencia de y para sí no puede constituirse sin referencia al no ser” (Marcel, 1954, p. 179). O que, pois, significa orientar a realidade humana ao não-ser? Marcel entende que essa orientação, que postula não haver nenhuma realidade física ou metafísica a ser os parâmetros da existência, é insustentável, confiar inteiramente na liberdade, como se ela fosse absoluta e autônoma, é tender a um fracasso existencial.

Para ele, o existir do homem deve ser pautado por realidades que são capazes de consentir e auxiliar essa busca ao Ser, várias destas são citadas em suas obras como o amor,

⁸ É oportuno lembrar que, desde o início de seus escritos, ele concerne especial atenção à experiência religiosa, buscando sua inteligibilidade. “A experiência religiosa, em Marcel, é a experiência da fé em Deus, experiência de comunhão com Deus considerado como Tu Absoluto” (Carvalho, 2019, p. 223).

fidelidade, esperança. Esta última é bem mais recorrente em suas reflexões, mas o que é esta esperança que é capaz de conduzir ao sentido da vida? Como ela se dá na existência do homem? O que a difere duma simples espera ou de uma ambição?

Já no prologo de *Homo Viator* fornece duas definições sobre a esperança da qual discorre ao longo das partes, sendo que “[...] la esperanza es un saber más allá del no saber – pero un saber que excluya toda presunción, un saber concedido, otorgado, un saber que sería una gracia y no, en modo alguno, una conquista” (Marcel, 1954, p. 11) e, transcrevendo de uma das suas obras literárias:

La Esperanza es en esencia la disponibilidad de un alma comprometida en una experiencia de comunión tan íntimamente como para cumplir el acto que trasciende la oposición entre el querer y el conocer, por el cual ella afirma la perennidad viviente de la cual esta experiencia ofrece a la vez la prenda y las primicias. (Marcel, 1954, p. 10).

Ela não se caracteriza tão somente como uma reação defensiva diante das situações-limite para a existência e nem como algo dado, infusamente, pelo ser divino. É algo mais complexo, é uma atitude que se utiliza das adversidades para reafirmar sua própria existência. Daquilo que naturalmente levaria ao desespero⁹ e angústia põe a serviço do bem do homem. É uma decisão livre de nunca retroceder e de perpetuamente retomar o esforço da peregrinação existencial, mesmo com todos os percalços que se apresentam neste caminhar (Jolivet, 1957, p. 368).

Essa é umas das explicações que Marcel teceu para falar da atitude como que “vitoriosa” de tantas pessoas que eram suas contemporâneas, que mesmo na dura realidade vivencial da guerra e do caos advindo delas, da experiência desoladora dos campos de concentração, não deixaram de ser fiéis a seus projetos existenciais (Marcel, 1964, 298)¹⁰. Mas, “La verdad es, por otra parte, que hablando con rigor sólo puede haber esperanza donde interviene la tentación de desesperar” (Marcel, 1954, p. 41).

A esperança é movida por um apelo vital que sempre buscara assimilar os acontecimentos da vida de maneira que, não seja o único horizonte do homem a indagação de Camus diante da absurdidade da existência, por que a pessoa não se mata e põem termo a todo sofrimento? Pensar assim seria conceder lugar primordial ao desespero e falhar na fidelidade e peregrinação ao pleno sentido da vida.

A esperança é algo de espiritual, não é físico. É algo que em si é mistério. Para compreendê-la basta, assim, observar que nunca se pode saber antes da prova o que a prova fará da pessoa e de que recursos podemos dispor para fazer-lhe frente. É também reflexiva e inteligível. Aqui Marcel sinaliza o caráter filosófico da esperança. (Carvalho, 2019, p. 165).

⁹ “Em si mesmo, o desespero anula os impulsos criativos do ser, mas na abertura, na transcendência e participação, ele potencializa a criatividade e a reinvenção de si mesmo” (Carvalho, 2019, p. 158).

¹⁰ Como um adento: como não recorda neste momento da sua própria experiência na guerra, das situações vivenciadas por Viktor Frankl e do fruto que delas tirou (o desenvolvimento da logoterapia), e do testemunho de vida da filósofa Edith Stein que sendo judia de nascença não fugiu do seu ‘destino’ no campo de concentração de Auschwitz. Dizia: “[...] por la aceptación de algo inevitable, a cuya anticipación me rehusó con todas mis fuerzas, encuentre el medio de consolidarme interiormente, de probarme a mí mismo mi realidad, y al mismo tiempo de transcender ese fatum ante el cual me he prohibido cerrar los ojos” (Marcel, 1954, p. 42-43).

É da perspectiva marceliana, também, que a esperança é um dado comunitário. Viver da esperança impera uma atitude ética e política de também ajudar a outrem a perceber esta possibilidade existencial e juntos, neste engajamento, peregrinarem ao mesmo ideal, do contrário, de algo virtuoso livremente o desvirtuaria, passando para uma ambição particular, “[...] sólo hay esperanza al nivel del nosotros [...], y de ningún modo al nivel de un yo solitario que se hipnotizara con sus fines individuales; eso quiere decir también que es ilegítimo confundir esperanza y ambición [...]” (Marcel, 1954, p. 10). E da importância da esperança afirma ainda:

El alma, he dicho. Ese vocablo, desacreditado durante tan largo tiempo, debe ser restablecido aquí en su primacía. ¿Cómo no advertir entre el alma y la esperanza el más íntimo de los lazos? No estaría lejos de creer que la esperanza es para el alma lo que la respiración es para el organismo viviente. (Marcel, 1954, p. 11, grifo nosso).

É salutar ressaltar que a esperança não deve ser confundida com puro otimismo e desejos. Essas atitudes partem de âmbitos diferentes da esperança. Tanto quem deseja¹¹ quanto o otimista são como que apenas observadores dos fatos, indiferentes, vem as situações, delas conseguem falar, mas em nada se comprometem, não provocam uma transformação no seu existir.

Em Marcel essas atitudes são postas de lado pois “el optimista es aquél que tiene la firme convicción, o en ciertos casos simplemente el vago sentimiento, de que las cosas tendrán que ‘arreglarse’.” e completa “Digo a propósito ‘las cosas’. Puede tratarse ya sea de tal situación determinada, de tal dificultad precisa, ya sea de las dificultades, los conflictos, las contradicciones en general”¹² (Marcel, 1954, p. 39).

Também não é esperança a pertença a ideologias massificantes que subtraem ao indivíduo a sua capacidade crítica e o sentido dos valores da vida, essa categoria é incompatível com a sabedoria que postula (Marcel, 1982, p. 102). Marcel faz essa exposição no auge da Segunda Guerra Mundial e não é difícil de compreender por que era crítico as ideologias presentes em sua época, diz-nos:

Es difícil, en efecto, interpretar como esperanza la idolatría de que dan testimonio inmensas colectividades fascinadas ante jefes que, por medio de una propaganda incansable, han conseguido con anterioridad paralizar en sus acólitos, no sólo todo espíritu crítico, sino todo auténtico sentido de los valores. (Marcel, 1982, p. 62).

A esperança se constitui assim, numa exigência que não é lógica, nem psicológica, mas sim ontológica, isto é, radica-se na essência do ser. Em suma, a esperança é uma exigência essencialmente ontológica do ser que é afetado por uma profunda provação que o impede de existir plenamente¹³. E essa exigência nem sempre se demonstrará de uma forma ‘pacífica’. Por muitas vezes a esperança exigirá coragem para confrontar as provações que porá em risco a

¹¹ Que se mantem centrado no próprio sujeito, é egocêntrico e tende a possuir (Carvalho, 2019).

¹² Um exemplo de otimismo em sua visão é o marxismo embora logo esse otimismo se transmute apenas numa espécie de curativo pequeno para a grande inquietude metafísica fundamental do homem (Marcel, 1964).

¹³ “[...] la experiencia excede infinitamente el dominio de los sentidos externos, y es evidente, en lo que llamamos vida interior, que la experiencia puede traducirse en actitudes opuestas” (Marcel, 1964, p. 49).

própria vida, confronto entendimento como não-aceitação invés de uma rebelião (Marcel, 1982). Não admite o uso da violência nesta não-aceitação (Marcel, 1982)¹⁴.

Poderiam, então, indagar a Marcel sobre a necessidade da Esperança, não seria mais lógico o Deus que cria não permitir o mal na sua vida? A essa questão, de maneira abrangente, Aurélio Agostinho (354-430), bispo de Hipona, dedicou-se a tratá-la em suas obras *Confissões*, *O Livre-arbítrio* e *Retratações*; mas Marcel também faz suas ponderações:

¿Qué sería, en efecto, en esta perspectiva, desesperar sino declarar que Dios se ha retirado de mí? Aparte de que semejante acusación no es compatible con la posición del Tú absoluto, se puede observar que, al proferirla, me atribuyo ilegítimamente una realidad distinta que no podría pertenecerme. [...] No conocemos ni la medida real de nuestras fuerzas, ni los designios últimos de Dios; y, si el argumento fuera verdaderamente aceptable, equivaldría, en suma, a poner implícitamente y como con hipocresía condiciones que reducirían la esperanza a los límites de lo relativo. (Marcel, 1982, p. 52-53).

Ele ainda alerta para aqueles que por influências estoicas ou spinozianas, mesmo que desvirtuadas, podem querer negar o valor metafísico à esperança ao tratá-la apenas como uma disposição subjetiva, desde modo sendo frágil a sua capacidade de realizar transcendência das situações. Postula, pelo contrário, que ela é um aspecto vital do processo mesmo pelo qual uma criação, um projeto, se cumpre, do contrário perderia todo seu valor (Marcel, 1982, p. 63).

A esperança em última análise pode ser vista como uma virtude, pois “toda virtud es un especificación de cierta fuerza interior, y vivir en esperanza es obtener de sí mismo la fuerza de permanecer fiel en las horas de oscuridad a lo que, en los orígenes, fue tal vez sólo una inspiración, una exaltación, un impulso” (Marcel, 1982, p. 69).

Ao final deste artigo, é possível assomar às suas considerações a importância que Marcel concede ao *amor*¹⁵ nesta vida de esperança, “No se puede abrir el proceso de la esperanza sin instituir al mismo tiempo el del amor” (Marcel, 1982, p. 64). O amor é também uma realidade que faz o homem transcender as provações pois “reclama uma realidade mais além do domínio racional e coloca a pessoa frente a um mistério, que o excede” (Carvalho, 2019, p. 78). Ele propicia ao homem mais uma motivação e força para continuar na sua peregrinação existencial.

Por fim, é possível falar, na concepção marceliana, que somente e tão somente na relação com o Tu Absoluto o homem pode conhecer a si mesmo, pois só na dimensão de um mistério que outro pode ser revelado. E já que neste Tu Absoluto reside a Esperança absoluta, somente n’Ele se manifesta claramente o sentido da vida (Carvalho, 2019, p. 328). Somente com este entendimento que seria possível superar as adversidades mais avassaladoras que o existente pode deparar-se em sua vida¹⁶.

¹⁴ Na conferência *Busca de uma fenomenologia e de uma metafísica da esperança*, dentro da obra *Homo Viator*, Marcel aponta diversos exemplos destas provações, que por serem longas não cabem no corpo do texto, que exigem a esperança ou não podem ser transcendidas, dentre elas o cativo (Marcel, 1954, p. 34-36), a enfermidade (Marcel, 1954, p. 40; 51), o exílio (Marcel, 1954, p. 40; 53-54), o sumiço de um filho (Marcel, 1954, p. 46-47), constituição da personalidade na adolescência (Marcel, 1954, p. 58-59), a mãe diante de um filho morto (Marcel, 1954, p. 71-72).

¹⁵ Entendido como caridade aos moldes da doutrina bíblica do cristianismo que Marcel seguia. Tentar explicar o amor como um fenômeno objetivo é esvaziar toda sua condição de mistério. “O eu, quando ama, não dirige seu amor aos predicados do ser amado, porque amar não visa o Tu pelo que é, mas o que é, enquanto tu. A pessoa amada transcende a toda explicação e redução e, deste modo, o amor nos lança no eterno” (Carvalho, 2019, 208).

¹⁶ “A Esperança absoluta no Tu Absoluto faz nascer o amor na vida do ser em situação em que só há feridas e dramas” (Carvalho, 2019, p. 329).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As filosofias da existência surgem como um apelo aos homens que vivenciaram o conturbado século XX e suas guerras, com seus antecedentes e consequências; a repensarem suas ações e por diversas abordagens procurarem recobrar o sentido da vida. Parte destas abordagens, porém, causaram, mesmo que contra a vontade de quem as formulou, mais confusão, pois deram margem para o desespero e a angústia serem quase que divinizados e intransponíveis apesar das saídas que propunham.

Dentre as exceções desta parcela mencionada, destacamos em nossa pesquisa, as reflexões do francês Gabriel Honoré Marcel, a partir do contato com fontes primárias e outras pesquisas a respeito, salientando a abordagem dispare que postulou em detrimento aos seus contemporâneos. Marcel, como apontamos, partiu de premissas comuns, com algumas ressalvas, querendo clarear a existência singular dos homens que buscam responder a inquietude existencial.

Ele leva em consideração dados que pelos demais filósofos da existência eram descurados. Assim, não buscou esquematizar sistemas de conceituações, mas trouxe a lume considerações sobre as provas que o homem sofre durante sua existência e de um caminho seguro onde encontraria respostas plenas para suas indagações.

Da concepção de existência encarnada e concreta, que é um peregrinar em busca de sentido, não sozinho, mas com o outro, a uma exposição sobre a esperança em contraponto ao desespero, chegamos a sua exposição final sobre onde o sentido da vida reside, baseado em sua própria experiência vital e espiritual.

Aceitar suas reflexões como verdadeiras é um trabalho que exige do interlocutor uma disponibilidade a aceitar realidades e termos pouco usuais na filosofia moderna e contemporânea, questões que mais do que uma aplicação de racionalidade exigem concretude na vida de quem se debruça sobre as palavras marcelianas.

Marcel falou para os homens de uma época em que o próprio valor existencial se esvaziava por haver tanto crédito a concepções ideológicas, racionalistas, tecnicistas e por certo, niilistas. Todo esse arcabouço levava a uma despersonalização em que o valor de ser pessoa, ser homem, se equiparava uma objetificação.

Em nossa época, é cabível a indagação se conseguimos superar essa situação. Ao contemplarmos o que se nos manifesta na realidade, poderíamos afirmar que a situação se apresenta com novas modalidades. Numa realidade com tantas facilidades para o bem viver, repleta de tecnologia, comunicação rápida, acesso a conhecimentos ilimitados, é crescente o número de suicídios, violência de toda espécie, narcotráfico, conflitos armados, terrorismo, preconceitos, sectarismo.

As reflexões do filósofo Gabriel Marcel, neste sentido, se fazem atuais e pertinentes, e uma retomada a seus escritos poderia fornecer perspectivas para uma reflexão sobre como atualmente lidamos com o sentido existencial da vida.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, G. O. **A filosofia de Gabriel Marcel**: esperança no Tu Absoluto como fonte suprema de consistência e sentido da vida. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

JOLIVET, R. **As doutrinas existencialistas**: de Kierkegaard a Sartre. Porto: Tavares Martins, 1957.

LÉVINAS, E. **Entre nós**: Ensaio sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto et all. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005. (Textos Filosóficos)

MARCEL, G. **El misterio del Ser**. Tradução: María Eugenia Valentié. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1964.

MARCEL, G. **En quête de ce qui ne passe pas. Wegweiser in der Zeitwende**. 1955. Disponível em: <http://www.gabriel-marcel.com/articles&textes/en-quete-de-ce-qui.php>. Acesso em: 03 mar. 2024.

MARCEL, G. **Il declino della saggezza**. Tradução: Carmela Cossa. Roma: Edizioni Logos, 1982.

MARCEL, G. **Prolegómenos para una metafísica de la Esperanza**. Buenos Aires: Editorial Nova, 1954.

MERLEAU-PONTY, M. Ser e Ter. **Revista Dialectus**, n. 8, p. 146-153, jan./ago. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/dialectus/article/viewFile/5220/3852>. Acesso em: 02 mar. 2024.

MONDIN, B. **Curso de filosofia**: os filósofos do ocidente. São Paulo: Paulus, 2005.

PERETTI, C. et al. Da existência ao ser: intersubjetividade em Gabriel Marcel. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 31, p. 175-192. 2016.

REYNOLDS, J. **Existencialismo**. Tradução: Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2013.